



DE “PAPA-PECÚLIOS” A TIGRE DA ABOLIÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA LEGENDA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX¹

Ana Carolina Feracin da Silva²

Resumo: Este artigo aborda alguns episódios da trajetória social do jornalista José Carlos do Patrocínio (1853-1905), reconhecido como um dos baluartes da campanha abolicionista na corte imperial ao final do século XIX. A problemática desenvolve-se em mão dupla: se por um lado busco entender o processo de construção de uma memória sobre Patrocínio que faz perder de vista a densidade de sua experiência histórica, por outro lado, faz parte de sua própria experiência pessoal a elaboração cotidiana de uma certa memória sobre si — que alimentaria, por sua vez, os seus futuros biógrafos. Desta maneira, as apologias e o tom laudatório que caracterizam os textos biográficos têm muito em comum com a forma que José do Patrocínio tentou representar a si mesmo no interior de conflitos políticos específicos — e cujo sentido original ficou perdido nas narrativas posteriores.

Palavras-chave: Patrocínio, José do (1853-1905); escravidão; imprensa; abolição – abolicionismo; memória-história.

FROM “PAPA-PECÚLIOS” TO “TIGER OF ABOLITION”: THE CONSTRUCTION OF THE LEGEND OF JOSÉ DO PATROCÍNIO IN THE LAST DECADES OF THE 19TH CENTURY

Abstract: This article discusses some episodes of the social trajectory of journalist José Carlos do Patrocínio (1853-1905), recognized as one of the bastions of the abolitionist campaign in the late 19th century Imperial Court. The issues here are investigated through a dual approach: on one hand, I try to understand the construction of a historical memory about Patrocínio in which the complexity of his historical experience is lost; on the other hand, I seek to point out that part of Patrocínio’s own personal experience was composed by daily efforts to elaborate a certain memory of himself – such intentions would provide, in turn, some benefits to his future biographers. Thus, the praises and the laudatory purport which characterize biographical texts of him have much in common with the way José do Patrocínio tried to depict himself within specific political conflicts – and whose original meaning was lost in later narratives.

Key-words: Patrocínio, José do (1853-1905); slavery; press; abolition; abolitionism; historical memory.

¹ Esse texto é uma versão parcial e ajustada de dois capítulos de minha tese de doutorado, intitulada De “Papa-pecúlios” a Tigre da Abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX, Departamento de História, IFCH/ UNICAMP, 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha.

² Ana Carolina Feracin da Silva é doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e teve toda sua formação vinculada ao Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT– IFCH/UNICAMP). Atuou como orientadora educacional do Programa de Especialização Docente RedeFor - Unicamp (2011-2012) exercendo a mesma função no curso de Pedagogia da UAB-UFSCar desde 2008. Atualmente reside na cidade de Itatiba-SP e é docente do curso de História para Ensino Médio do Colégio Next de Itatiba. *E-mail:* acferacin@uol.com.br



DE "PAPA-PECÚLIOS" LE TIGRE DE L'ABOLITION: LA CONSTRUCTION DE LA LEGENDE DE JOSÉ DO PATROCÍNIO DANS LES DERNIERES DECENNIES DU XIX SIECLE

Résumé: Le but de cet article est d'analyser certains épisodes de la trajectoire sociale du journaliste José Carlos do Patrocínio (1853-1905), reconnu comme l'un des piliers de la campagne abolitionniste à la cour impériale de la fin du XIX^{ème} siècle. Le travail se développe selon deux axes: d'un côté, j'envisage connaître le processus de construction d'une mémoire de Patrocínio qui s'éloigne de toute la densité de son expérience historique et de l'autre, je cherche à savoir comment lui-même a contribué à cette construction, qui serait menée par ses futurs biographes, à partir de l'élaboration quotidienne de sa propre mémoire. Ainsi, je me propose de montrer comment le ton apologétique qui caractérise les textes biographiques a beaucoup en commun avec la façon dont José do Patrocínio a essayé de se représenter à lui-même dans des conflits politiques particuliers – et dont la signification originale a été perdue dans les récits postérieurs.

Mots-clés: Patrocínio, José do (1853-1905); esclavage; presse; abolition – abolitionnisme, mémoire-histoire.

DE "PAPA-PECÚLIOS" A TIGRE DE LA ABOLICIÓN: LA CONSTRUCCIÓN DE LA LEYENDA DE JOSÉ DEL PATROCINIO EN LAS ÚLTIMAS DECADAS DEL SIGLO XIX

Resumen: Este artículo aborda algunos episodios de la trayectoria social del periodista José Carlos do Patrocínio (1853-1905), reconocido como uno de los baluartes de la campaña abolicionista en la corte imperial al final del siglo XIX. La problemática se desarrolla en mano doble: si por un lado busco entender el proceso de construcción de una memoria sobre Patrocínio que hace perder de vista la densidad de su experiencia histórica, por otro lado, forma parte de su propia experiencia personal la elaboración cotidiana de una cierta memoria sobre sí - que alimentaría, a su vez, a sus futuros biógrafos. De esta manera, las apologías y el tono laudatorio que caracterizan los textos biográficos tienen mucho en común con la forma que José del Patrocínio intentó representar a sí mismo en el interior de conflictos políticos específicos - y cuyo sentido original quedó perdido en las narrativas posteriores.

Palabras-clave: Patrocínio, José del (1853-1905); esclavitud; prensa; abolición - abolicionismo, memoria-historia.

Reconhecido como um dos baluartes da campanha abolicionista na corte imperial, José do Patrocínio teve uma vida intensa e bastante atribulada no mundo da imprensa do fim do século XIX. Além de jornalista, folhetinista, e cronista político, ele também foi proprietário e editor de dois jornais da Corte entre as décadas de 1880-1890. Profundamente envolvido nas questões políticas e sociais de seu tempo e inserido em várias polêmicas, Patrocínio ficou marcado nos anais da história nacional pela sua ação abolicionista, sendo coroado como um dos luminares do movimento.

Aos seus contemporâneos, contudo, as imagens que identificavam José do Patrocínio eram multifacetadas. Através dos jornais, por exemplo, foi possível encontrar desde apologias até manifestações explícitas da mais pura aversão sobre ele. “Preto-



cínico”, “Judas” e “negro vendilhão”, “papa pecúlios”, crioulo fujão” de um lado, “grande mestre”, “tigre da abolição” e “herói libertador” de outro — são alguns dos epítetos que tornam sua imagem bastante ambígua.

A problemática desenvolve-se em mão dupla: se por um lado é necessário entender o processo de construção de uma memória sobre Patrocínio -- que faz perder de vista a densidade de sua experiência histórica --, por outro lado, faz parte de sua própria experiência pessoal a elaboração cotidiana de uma certa memória sobre si — que alimentaria, por sua vez, os seus futuros biógrafos³. Desta maneira, as apologias e o tom laudatório que caracterizam os textos desta natureza têm muito em comum com a forma que José do Patrocínio tentou representar a si mesmo no interior de conflitos políticos específicos — e cujo sentido original ficou perdido nas narrativas posteriores.

É o caso do artigo “Uma explicação”, publicado na *Gazeta da Tarde* em 29 de maio de 1884, no qual Patrocínio lança mão de contar sua “história de vida”. Apropriado de forma fracionada pelos futuros biógrafos e, sacralizado nesta operação, como “autobiográfico, o escrito de 1884 foi a forma encontrada por José do Patrocínio de responder a suspeitas graves que questionavam a sua atuação no movimento abolicionista e a sua posição como editor e proprietário de um jornal. A narrativa das próprias origens e dos bastidores de compra da *Gazeta da Tarde* foi a forma escolhida para defender-se naquela circunstância. Na verdade, tanto a escrita dos biógrafos e do (auto)biografado são norteadas por uma questão em comum: explicar como o filho de uma negra, quitandeira, com um vigário de interior de província pôde conquistar um lugar social de destaque na Corte, ser proprietário de uma empresa e ainda viajar a Europa?⁴

³ Segundo a interpretação de biógrafos e memorialistas, a vida de José do Patrocínio foi uma trajetória progressiva de sucessos, marcada quase pela genialidade. Partindo de uma concepção linear e pouco atenta a sutilezas, não acreditavam em grandes possibilidades de ascensão social e colocação profissional para um jovem negro pobre, filho ilegítimo de um padre com umas de suas escravas. Uma análise mais detida das apropriações e reapropriações de textos memorialísticos pelos biógrafos e pela historiografia sobre o tema, pode ser verificada no primeiro capítulo da minha tese “A construção de uma legenda – o menino é pai do homem”, in: De “Papa-pecúlios” a Tigre da Abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX, Departamento de História, IFCH/ UNICAMP, 2006. pp. 15-42.

⁴ Torna-se quase impossível evitar a sensação de ironia que essa história provoca. O artigo de 1884, peça escrita por José do Patrocínio no interior de uma luta política para defender-se da alcunha de “papa-pecúlios”, acabou servindo depois para idealizar sua trajetória de vida e consolidar sua legenda heróica ao tornar-se, indiretamente, fonte cristalizada para os futuros biógrafos. Legendado como o “grande abolicionista”, ele permanece engessado neste denominativo que parece carregar o sentido (e porque não o fardo) de toda a sua vida. Afinal, o que poderia macular mais a legenda do “tigre da abolição” do que o apelido pejorativo de “papa-pecúlios”?



O “PAPA PECÚLIOS”

No dia 29 de maio de 1884, apenas quatro anos antes da lei Áurea, quando o movimento abolicionista tomava maior proporção na Corte Imperial, um longo artigo ocupava quase toda a primeira página da *Gazeta da Tarde*, um dos jornais diários da cidade do Rio de Janeiro. Intitulado “Uma explicação”, o texto era assinado por José do Patrocínio, um dos mais visíveis líderes do movimento e também o diretor-proprietário daquela folha:

“Há já muito tempo sou continuamente alvo das mais dolorosas calúnias e das mais cruciantes injúrias.

Os meus adversários, em cuja vida privada nunca penetrei, muitas vezes só em respeito à compostura da imprensa, divertem-se em pintar-me como chaga mais cancerosa da nossa sociedade.

Até certo ponto a guerra satisfaz a minha vaidade. À proporção que a calúnia se torna mais furiosa, sinto crescer em torno do meu humilde nome a estima pública fortalecer-se a dedicação dos meus amigos.

Não quero, porém, deixar que por mais tempo o povo brasileiro acredite, sob palavra dos meus amigos, na minha honra e no desinteresse com que tenho servido à causa da abolição, que eu entendo ser a da reorganização moral e econômica da minha pátria.

Passo a citar fatos.

Perguntam-me como vivo e de que vivo e têm razão. Quem sabe que eu sou filho de uma pobre preta quitandeira de Campos deve admirar-se de me ver hoje proprietário de um jornal e de que eu pudesse fazer uma viagem à Europa.

Vamos a explicações”.⁵

O artigo, como o próprio título sugere, tinha um caráter marcadamente defensivo. Já nos seus parágrafos iniciais José do Patrocínio revela que vinha sendo “alvo” de inúmeras injúrias e calúnias lançadas pelos seus adversários, indicando em seguida que eram motivadas pelo seu largo envolvimento na campanha abolicionista — causa a qual servia com “honra” e “desinteresse”. Dizendo-se constantemente questionado sobre “como e de que vive”, Patrocínio menciona que a sua origem humilde (“filho de uma pobre preta quitandeira de Campos”) causava espanto nas pessoas quando confrontada à sua posição atual (“proprietário de um jornal” que pôde viajar para Europa). Explícita, desta maneira, a relação de contrariedade que “naturalmente” parecia se estabelecer entre essas duas realidades de vida.

⁵ José do Patrocínio. “Uma Explicação”, *Gazeta da Tarde*, 29 de maio de 1884.



Imediatamente, na sequência, Patrocínio passa então a narrar episódios de sua vida, dividindo-a distintamente em “três fases”. Na primeira delas, que compreende mais ou menos os anos entre 1868-1974, versa sobre sua chegada à Corte Imperial para trabalhar como aprendiz extranumerário da farmácia da Santa Casa de Misericórdia. Saindo dali, tempos depois, empregou-se numa Casa de Saúde particular graças à ajuda de um protetor, velho conhecido da sua cidade natal. Ao mesmo tempo conta também que passou a estudar no “Externato Aquino”, onde fez “não só os preparatórios” para o curso de Farmácia, mas os que eram “exigidos para o curso médico”.

Patrocínio prossegue então narrando as dificuldades enfrentadas durante esse período de sua vida:

“Entrando para a Faculdade de Medicina, como aluno de farmácia, recebi da sociedade beneficente um auxílio pecuniário de 20\$000. Por outro lado eu tinha alguns alunos de primeiras letras e sobretudo recebia casa e comida de graça do meu colega Sebastião Catão Calado.

Assim vivi durante três anos, até que em 1874 conclui o curso de farmácia.

Catão Calado retirou-se então para Santa Catarina e eu fiquei só nesta corte, com uma carta de farmácia, que só podia se alugada por 30\$ ou 40\$, visto como não tinha dinheiro para estabelecer-me.

Resolvi morrer de fome: não alugaria o título que me custou tanto sacrifício e que representava as únicas alegrias, até então experimentadas.

(...) Foi nesta difícil conjuntura que me apareceu o meu discípulo do Externato Aquino, João Rodrigues Pacheco Villanova e me convidou para passar um dia em sua casa.

Fui e aqui começa a segunda parte da minha vida”.⁶

Naquela a qual denomina como “segunda fase” de sua vida, José do Patrocínio destacará a aproximação e o estreitamento de suas relações com a família do Capitão Emiliano Rosa de Senna — padraсто do antigo colega —, com a qual passou a morar na condição de professor dos filhos menores da casa. Desta convivência teria nascido a “estima” entre ele e uma de suas alunas, a menina Maria Henriqueta Senna, com quem acabou se casando anos depois.

Ao longo dessa sequência do artigo Patrocínio relata também a sua entrada nos jornais, em 1877, e a compra da *Gazeta da Tarde*, em 1881. Ali, exatamente, teria iniciado — não sem grandes dificuldades — a “terceira fase” de sua vida:

⁶ Idem



“Pedi logo no segundo dia da minha entrada para a *Gazeta da Tarde* três contos de réis emprestados, ao finado sócio comanditário da empresa Augusto Ribeiro, para reformar o material e custear a casa sem dever aos meus empregados.

Com uma tiragem de 1.900 exemplares, como fazer face à despesa?

Em dezembro o meu *déficit* era de 10 contos de réis e para maior desgraça o meu sócio comanditário, que possuía um quinhão de cinco contos, acabava de morrer.

Meu sogro deu-me o necessário para pagar as minhas dívidas, fazendo transações com nosso amigo Galdino José de Bessa. Providencialmente a tiragem da *Gazeta* começava a subir.

Fiado nesta ascensão gradual que em janeiro dava já o algarismo de 4.000 exemplares, eu comecei a querer dar maior desenvolvimento à folha”.⁷

Marcando, portanto, sua entrada efetiva no mundo da imprensa quando se tornou editor e proprietário de um jornal diário, Patrocínio segue adiante com sua narrativa descrevendo os apertos financeiros pelos quais passou para a manutenção da *Gazeta da Tarde*. Além do socorro de seu sogro, o Capitão Emiliano de Rosa e Senna, o jornalista cita diversas outras pessoas a quem recorreu desde a aquisição da *Gazeta*, explicando que as várias cartas de crédito conseguidas possibilitaram o crescimento comercial do periódico, ampliando-lhe a tiragem que, de 1.900 exemplares em 1881, havia subido para 12.000 em 1884. O “resultado final”, conforme concluiu, foi que “a empresa, pode levantar, mercê de Deus, a cabeça, segura dos seus destinos, pronta a satisfazer a todos os seus compromissos”.

Encerrando nesse ponto a narrativa de sua trajetória até então, Patrocínio retoma o assunto do início do artigo:

Podia eu ir à Europa?

Respondam agora os meus caluniadores.

(...) Vê-se, pois, que a vida da *Gazeta da Tarde* e do seu proprietário é honrada e limpa.

Vem da fonte que criou outros jornais – o povo, o nosso grande comanditário.

Segundou-a o desinteresse dos meus companheiros de trabalho, que se sujeitaram a ordenados insignificantes, certos de que a prosperidade futura da *Gazeta* os indenizaria.

(...) O que tenho é produto do meu trabalho, escudado na cooperação dos meus amigos.

(...)

Esta longa exposição tem por fim unicamente responder de uma vez por todas aos insultos, com que tentam amedrontar-me.

Não fui à Europa divertir-me, fui tratar da minha saúde.

Os médicos clínicos desta corte Drs. Gaudie Ley, Pizarro, Joaquim Rosa, Alfredo Ramos, Daniel de Almeida, meus amigos, trataram-me.

⁷ Idem.



O meu dedicado e íntimo amigo Dr. Campos da Paz viu-me por duas vezes às portas da morte.
E assim ficam respondidas as infames calúnias.
Eu sinto realmente não ter podido dar a meus inimigos a satisfação de me verem pálido e morto.
Desculpem-me esses senhores, se eu vivo com a cabeça alta e curado do meu fígado.
O pecúlio que eu como é o do trabalho e da honra, a *Kermesse* que me sustentou na Europa foi o tino e a dedicação dos meus companheiros de trabalho e dos meus amigos do comércio a quem abraço daqui afirmando-lhes que sempre fui, sou e que serei digno deles.

JOSÉ DO PATROCÍNIO.

P. S. Chamarei à responsabilidade todos os artigos injuriosos e caluniosos e não admito mais retratações senão diante dos tribunais.

J. P.”⁸

É bastante provável que uma das sensações despertadas após a leitura dos fragmentos desse longo artigo seja a de estranhamento. Embora alguns temas soem minimamente familiares — como é o da “abolição”, enunciado logo nos parágrafos iniciais — o sentido geral do texto permanece obscuro para um leitor atual. De um lado destaca-se a descrição detalhada de vários episódios da história de vida de José do Patrocínio — elaborada por ele mesmo. Tratava-se então de uma autobiografia? Ao mesmo tempo (como o próprio título já sugere), o texto traz um tom marcadamente defensivo. Tratava-se então de uma polêmica entre Patrocínio e algum inimigo que ganhava as páginas do jornal? Mas, com quem e por quê?

Os últimos parágrafos da citação acima dão o sentido geral à argumentação encadeada por Patrocínio em seu artigo, deixando um pouco mais claro o teor dos ataques dos quais ele procurava se defender. Primeiramente os “caluniadores” questionavam sobre a origem do dinheiro que teria financiado uma recente viagem do jornalista à Europa. Por trás disso fica implícita a acusação de que ele teria se divertido nababescamente no estrangeiro usando de meios escusos. Depois Patrocínio menciona dois termos aparentemente estranhos, mas que encerram, na verdade, a lógica social de seu texto: a de que “comia pecúlios” e a de que foi sustentado na Europa pela “*Kermesse*”.

⁸ Idem.



Tais referências, difíceis de serem compreendidas somente à luz do artigo, relacionavam-se, na verdade, não só a uma viagem de Patrocínio à Europa, mas também às atividades da Confederação Abolicionista, fundada no escritório da *Gazeta da Tarde* ainda ano anterior, em maio de 1883.⁹

Em 25 de março de 1884, com a oficialização da abolição do Ceará, a Confederação Abolicionista agendou para a mesma data a realização de uma série de festejos — a *Kermesse* — para comemorar a “libertação da província”.¹⁰ Nesta circunstância, estando de visita em Paris, e “para consolar [-se] da ausência da pátria” num momento tão importante à causa, José do Patrocínio organizou um banquete para cerca de trinta personalidades as quais, segundo ele “trabalhavam pela extinção do cativo em todo mundo”.¹¹

Na verdade, ainda que os extratos citados da *Gazeta da Tarde* não registrem, um dos epítetos endereçados a Patrocínio naquela circunstância foi o de “papa-pecúlios” — justificando-se aí a sua menção no final do artigo de que “o pecúlio que eu como é o do trabalho...”¹². Isso foi explicitado posteriormente pelo próprio Patrocínio em um texto de 1901, quando os momentos de embate já haviam passado:

“No tempo da propaganda abolicionista (...) diziam os escravistas, à boca cheia, que eu era um papa-pecúlios, que tinha feito uma viagem a Europa à custa da *kermesse* promovida pela Confederação Abolicionista, em honra à libertação do Ceará”.¹³

O artigo “Uma explicação”, portanto, foi uma tentativa de Patrocínio em fornecer aos leitores sua própria versão diante das acusações de que era alvo. O recurso à narrativa memorialística – lembrando das próprias origens e dos bastidores de compra da *Gazeta da Tarde* -- foi a forma de enfrentamento escolhida por ele para defender-se dos adversários de então, e exatamente num momento em que os debates em torno das leis de emancipação tornavam-se cada vez mais acalorados no parlamento, na imprensa, e nas ruas. Ainda que a sua “longa exposição” privilegie elementos da sua vida pessoal

⁹ Cf. “Confederação Abolicionista”, *Gazeta da Tarde*, 14 de maio de 1883.

¹⁰ Cf. “A festa nacional de 25 de março”, *Gazeta da Tarde*, 13 de março de 1884.

¹¹ José do Patrocínio. “Banquete comemorativo da libertação do Ceará”, *Gazeta da Tarde*, 19 de abril de 1884.

¹² José do Patrocínio. “Uma explicação”. *Gazeta da Tarde*, 29 de maio de 1884.

¹³ José do Patrocínio. “Através do lamaçal”. *Cidade do Rio*, 18 de outubro de 1901.



e da sua atuação como empresário de jornais, inseria-se numa luta política da qual Patrocínio era um dos principais protagonistas. A acusação de ser um “papa-pecúlios” colocava na corda bamba a credibilidade de sua militância abolicionista.

Para além de jornalista engajado na causa abolicionista, José do Patrocínio forjava também sua atuação profissional no ramo dos negócios e do comércio. Atuando no ramo tipográfico para a comercialização de jornais, ele arcou com os diversos ônus que essa atividade envolvia¹⁴. Não por acaso o relato sobre a aquisição da *Gazeta da Tarde* ocupa boa parte do artigo publicado em 1884, já que naquele ano a *Gazeta* era uma das folhas mais lidas da Corte. Com uma tiragem de 12.000 exemplares¹⁵, fazia concorrência com outros periódicos grandes da época como o *Jornal do Comércio* e a própria *Gazeta de Notícias*. Patrocínio era um homem de negócios que militava na causa abolicionista e fazia de seu jornal uma trincheira de luta pela causa – tendo sido inclusive palco para fundação da Confederação Abolicionista, em 1883.¹⁶

Ainda que fosse um dos membros da comissão executiva da Confederação, José do Patrocínio deixou o Rio de Janeiro algum tempo depois do início das atividades do centro. Quanto à direção da *Gazeta da Tarde*, passou a função para as mãos de João Ferreira Serpa Jr., que já era o gerente da folha desde o ano anterior. Para justificar sua ausência das atividades profissionais e dos compromissos políticos, Patrocínio publicou o seguinte comunicado na *Gazeta*:

“A necessidade de ver Lisboa e consultar alguns documentos, cujo conhecimento me é indispensável para o romance *Pedro Espanhol*, romance que tenho entre mãos e deve ser publicado nas colunas desta folha no próximo ano, o estado precário de minha saúde e a urgência de algumas reformas, que pretendo realizar na *Gazeta da Tarde*, resolveram-me a partir para a Europa.”¹⁷

¹⁴ Faço uma análise dos processos de falências sofridos por Patrocínio enquanto proprietário das folhas *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio*, no capítulo de minha tese intitulado “Nas malhas da justiça”. Cf. Silva, Ana Carolina Feracin. Op. Cit. pp. 168-191.

¹⁵ José do Patrocínio. “Uma Explicação”. Op.cit.

¹⁶ Cf. “Confederação Abolicionista”, *Gazeta da Tarde*, 14 de maio de 1883. Idealizada primeiramente por José do Patrocínio, João Clapp e Tenente Manoel Joaquim Pereira, a Confederação Abolicionista reuniu a princípio quinze sociedades libertadoras num plano de “propagar a idéia de abolir a escravidão no Brasil” através de um “centro forte e disciplinado”. Servindo-se dos donativos particulares ou arrecadados em festivais e *meetings* a Confederação agia diretamente na aquisição de cartas de liberdade através de uma operação que permitia aos escravos, graças à lei de 1871, “a formação de pecúlio e utilizá-lo na forma de indenização ao senhor”. Para uma análise da lei de 1871 enquanto uma conquista dos próprios escravos, ver do mesmo autor *Visões da Liberdade – Uma História das últimas décadas da escravidão na corte*, São Paulo: Cia das Letras, 1990.

¹⁷ José do Patrocínio, “Expediente”, *Gazeta da Tarde*, 13 de novembro de 1883. Acompanharam Patrocínio na viagem a sua esposa, D. Maria Henriqueta, e seu cunhado, Gustavo Villanova. Cf. *Gazeta*



De fato, entre novembro de 1883, data do embarque, e o mês de maio do ano seguinte, a folha prestava contas cotidianamente dos movimentos de seu chefe no estrangeiro: reproduzia telegramas, e transcrevia as cartas e os artigos que Patrocínio enviava à redação do jornal. Tratava-se sem dúvida de uma estratégia que fazia dele e de suas ações o principal assunto e notícia do próprio jornal. Ao mesmo tempo, esta espécie de propaganda de si o mantinha bastante próximo dos leitores e dos correligionários de forma a destacar continuamente sua posição sempre combativa nas trincheiras abolicionistas.¹⁸

Assim, quando em 25 de março de 1884, quando a abolição da escravatura do Ceará foi oficializada ele estava fora do país. Na Corte Imperial a Confederação Abolicionista agendou para o mesmo dia a realização de uma série de festejos — chamada de *Kermesse* — para comemorar a “libertação da província”.¹⁹ Em Paris, “para consolar [-se] da ausência da pátria” num momento tão importante à causa, José do Patrocínio organizou um banquete para cerca de trinta figuras do mundo político e jornalístico francês as quais, segundo ele “trabalhavam pela extinção do cativeiro em todo mundo”.²⁰

Permanecendo ainda alguns meses na capital francesa, Patrocínio só retorna ao Rio de Janeiro no dia 23 de maio de 1884, sendo recebido festivamente por vários amigos e colaboradores.²¹ Segundo as notícias que circularam naqueles dias, Patrocínio não só encontrou “o movimento abolicionista muito animado”, como a “temível conspiração que contra ele se urdia” fora completamente abandonada.

Acredito que tal afirmativa alude a uma série de ataques estampados nas páginas do *Anglo Brazilian Times* no mês anterior. Um destes, por exemplo, informava que Patrocínio recebia “um conto de réis por mês da Confederação Abolicionista para

da Tarde, 13 e 15 de novembro de 1883. Vale notar que Patrocínio já havia publicado dois outros romances em folhetim: *Mota Coqueiro e a pena de morte* e *Os retirantes* — ambos no rodapé da *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1877-1879.

¹⁸ Ver, por exemplo, as notas intituladas “José do Patrocínio” na *Gazeta da Tarde* dos dias 9 de janeiro, 8 de fevereiro e 13 de março de 1884.

¹⁹ Entre os festejos destacavam-se leilões de prendas, concertos musicais, desfiles de sociedades carnavalescas, bazares, etc. Cf. “A festa nacional de 25 de março”, *Gazeta da Tarde*, 13 de março de 1884 e “Tenentes do Diabo”, *Gazeta da Tarde*, 20 de março de 1884.

²⁰ José do Patrocínio. “Banquete comemorativo da libertação do Ceará”, *Gazeta da Tarde*, 19 de abril de 1884.

²¹ “José do Patrocínio”, *Gazeta da Tarde*, 24 de maio de 1884.



sustentar-se na Europa”.²² Publicada em abril de 1884, exatamente um mês antes do seu retorno ao Brasil, tal acusação foi reproduzida pela *Gazeta da Tarde* no entrelinhado de uma das seções da folha. Ainda que os “autores” respondessem furiosamente que levariam o responsável pela “insinuação” aos tribunais, a polêmica não se destacava entre os outros assuntos do jornal — talvez para não atrair atenção negativa sobre as ações de seu chefe. Ainda assim, é difícil acreditar que acusação de tal gravidade sobre um dos principais chefes da propaganda abolicionista não ecoasse pelos quatro cantos da Corte naquele momento, pois foi exatamente nesta circunstância que Patrocínio escreveu “Uma explicação”.

Percebe-se que a justificativa para sua ausência no artigo de 29 de maio de 1884 é um pouco diferente daquela citada em fins de 1883, no momento de sua partida. Enquanto a de 1884 valoriza um grave problema de saúde do seu redator-chefe, a justificativa do ano anterior não se restringiu a um péssimo estado de saúde. Em 1883 as notícias da viagem de José do Patrocínio a Europa divulgadas pela *Gazeta* tinham mais um tom festivo do que propriamente preocupado com a sua saúde.

O momento desenhava-se extremamente comprometedor para o movimento abolicionista. Um de seus principais líderes era suspeito de usar o dinheiro recebido em campanhas e arrecadações para compras de cartas de alforrias em benefício próprio. Reagindo às acusações de corrupção a Confederação publicou no mesmo dia 29 de maio de 1884 o relatório de contas do seu primeiro ano de atividades públicas. Referindo-se a Patrocínio como delegado da Confederação na Europa, o presidente João Clapp frisava que “os recursos pecuniários” para propaganda eram despendidos com “a máxima economia”.²³ Tratava-se obviamente dar um caráter legal à viagem de Patrocínio, enquanto etapa necessária para o acirramento e sucesso da campanha.

No calor das lutas políticas protagonizadas entre abolicionistas e escravocratas aquelas acusações corroíam as próprias bases que sustentavam uma campanha que defendia a “causa da liberdade”. Afinal, colocava em xeque uma proposta que, confiada numa idéia “humanitária”, servia no fim das contas para enriquecer ilicitamente seus principais líderes. Para José do Patrocínio especificamente, o alvo dos ataques, o sentido da polêmica ia além daquela circunstância específica de luta e colava-se na sua própria

²² *Gazeta da Tarde*, 25 de abril de 1884.

²³ João Clapp. , “Relatório do estado e das operações da Confederação Abolicionista”. *Gazeta da Tarde*, 29 de maio de 1884.



experiência de vida — e, por que não, na cor da sua pele. Para explicar como o filho de uma “pobre preta quitandeira de Campos” tornou-se um empresário de jornais e pôde, por causa disso, ter recursos e prestígio suficientes para financiar uma viagem ao exterior, Patrocínio precisou organizar momentos de sua vida de uma forma linear e coerente, de forma a construir uma narrativa biográfica que convencesse sobre a idoneidade de suas conquistas de até então. Consequência do peso negativo que a cor da sua pele representava naquele momento, seu esforço narrativo concentrou-se sobretudo em demonstrar as reais possibilidades de se “superar” um destino que parecia já pré-estabelecido.

Ao mesmo tempo, ao narrar as próprias origens (negra e bastarda), o início de sua vida na Corte, as dificuldades enfrentadas para se estabelecer, estudar e se formar, e a ajuda que recebeu em vários momentos, Patrocínio dá um caráter probatório a todas as “fases” de sua vida. Assim, cada ação e cada conquista ganha, na narrativa, cores heroicas que acabam, em conjunto, idealizando toda a sua trajetória até aquele momento. Nesse processo, ao alimentar uma imagem em torno de si e de suas ações que serve muito bem como arma política no confronto com os adversários, Patrocínio torna esse exercício de “fazer memória” uma ação diferenciadora de sua experiência pessoal. Nesse sentido, os jornais foram o veículo fundamental na divulgação dessa legenda que ele se esforçava em marcar o tempo todo — sobretudo nos momentos em que os adversários quebravam o silêncio em torno de sua cor²⁴.

²⁴ Ainda em 1881, José do Patrocínio envolveu-se numa polêmica com o jornalista Apulco de Castro, redator proprietário da folha *O Corsário*. Em versos e artigos, Patrocínio é hostilizado com epítetos tais como “preto cínico”, “moleque fujão”, “traidor”, “negrinho aproveitador”. Cf. “O Preto-cínico”, *O Corsário*, 11/05/1881

Na verdade a compreensão dos ataques que se arrastaram contra Patrocínio naquele ano ganha um outro sentido, pois o caso é que Apulco de Castro também era negro — “mulato escuro”, na definição de um biógrafo. Não deixa de causar estranhamento, num primeiro momento, identificar na fala de um “homem de cor” termos que remetem diretamente ao preconceito racial. Contudo, o que pode parecer uma contradição ao olhar de hoje estava mediado naquele contexto por uma lógica social específica. O redator de *O Corsário*, não se voltava contra um homem de cor qualquer, e sim contra “o” homem de cor que vinha se destacando cada vez mais em meios brancos e letrados. José do Patrocínio era o negro que tivera sucesso na imprensa e via naquele momento sua fama crescer como um dos principais oradores das conferências públicas emancipacionistas que se popularizavam desde o ano anterior, em 1880. A atuação de José do Patrocínio na “santa causa da abolição” irritava o redator do *Corsário* porque a sua militância abolicionista escalonava-se num meio predominantemente branco. Do mesmo modo, sua própria vida pessoal e profissional parecia seguir um rumo que Apulco de Castro entendia como uma espécie de “deserção”. Cf. Silva, Ana Carolina Feracin. Op. Cit. pp 103-129.



José do Patrocínio, mulato, filho de um padre com uma escrava, nasceu bastardo num mundo regido pela instituição da escravidão e pelos preceitos da ciência racial e por todo tipo de desigualdade social advindos desse contexto. Ele viveu os preconceitos de seu tempo da forma mais cruenta, mediado pela constante tensão de um racismo ausente, mas latente — sobretudo no confronto com adversários. Patrocínio, porém, fez da cor de sua pele o próprio dispositivo que dava sentido a sua luta contra as diferenças que se impunham contra ele. A sua militância abolicionista imprimia um significado positivo à sua experiência de ser negro em meados do século XIX. Não por acaso, era essa a legenda ele se empenhava em manter para si. Não por acaso, foi essa a única memória possível de se cristalizar sobre ele.

Recebido em janeiro de 2018
Aprovado em março de 2018